

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10.000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

J. MIMOSO MOREIRA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 6580) ▼

Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto



ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

Dois membros ilustres de Governos estrangeiros visitaram, recentemente, a I Exposição Colonial Portuguesa. Em 29 do mês pretérito — noticiou-o, já, ULTRAMAR — Paul Tschoffen, ministro das Colónias da Bélgica, que regressava duma viagem de inspecção ao Congo Belga, tendo visitado, também, embora de passagem, a nossa Angola. Em 1 do corrente, D. Juan José Rocha, ministro de Marinha e, interinamente, dos Negócios Estrangeiros da Espanha.

Um e outro vieram a Portugal, propositadamente, para conhecer de visu uma Exposição que, sendo nacional, sintetizava o universalismo duma acção colonizadora.

O ministro belga, que é um admirador provado do esforço português no ULTRAMAR, que conhece bem a História de Portugal, que anda ao par da actividade colonial dos portugueses, é uma daquelas figuras que

Estadistas estrangeiros na Exposição

Da visita dos ministros das Colónias da Bélgica e da Marinha e, interinamente, dos negócios Estrangeiros da Espanha

Não tendo um Passado de colonização a garantir-lhe esse esforço, a justificou-o ou a estimulou-o, a Bélgica operou maravilhas. Quem, como o autor destas linhas, cruzou a provincia riquíssima da Katanua, pode testemunhar a grandeza e a dureza desse esforço.

Vai longo, relativamente, o tempo em que Portugal, desfavorecido pela

actividade colonial foi, desde então, mais estreita, mais franca, mais amiga.

Eis porque a visita de Paul Tschoffen ao Pôrto revestiu um aspecto de tanta simpatia e norque encontrou eco tão propício no coração dos portugueses.

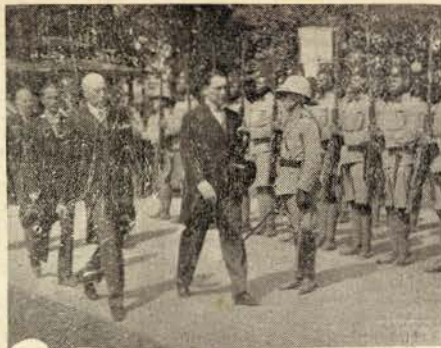
Quanto a D. Juan José Rocha, que veio, aqui, logo, a seguir, não

deza dum povo. A fôlha dos seus serviços à causa da Civilização é a que mais se aproxima da de Portugal. E o seu império ultramarino, que buscou outros rumos, seria, hoje, um dos maiores e dos melhores, se o destino não se lhe houvesse mostrado, particularmente, cruel.

Limitado, quasi, à zona marroquina, o Ultramar espanhol é, todavia, uma afirmação eloquente de sacrifício, que merece bem o respeito de todos os povos colonizadores.

A visita ao Pôrto do ministro da Marinha de Espanha, até pelo significado grandioso da acção marítima dos espanhóis no Passado, representou, também, uma atitude de simpatia e de apreço que os portugueses não deverão esquecer.

D. Juan José Rocha, ao terminar a sua visita à I Exposição foi, como o havia sido Paul Tschoffen preciso



Os srs. Tschoffen e dr. Armindo Monteiro, ministros das Colónias da Bélgica e de Portugal, passando revista à tropa do Africa, que lhes prestou guarda de honra.



O sr. D. Juan Rocha, ministro da Marinha de Espanha, com os srs. drs. Armindo Monteiro e Francisco Vieira Machado e capitão Henrique Galvão recebendo as saudações dos representantes das nossas Colónias

se avistam, hoje, de tôdas as nações colonizadoras, já porque orienta e dirige a actividade colonial dos belgas, já porque o seu nome, através da voz e da pena, se tem afirmado o dum mestre em matéria de colonização.

O Congo Belga equivale, territorialmente, como se sabe, ao ULTRAMAR português. O esforço belga no Congo, tendo uma data de começo muito recente (há pouco mais de meio século que a Bélgica, impulsionada pelo punho sábio de Leopoldo II, inaugurou o período de colonização do Congo) é, todavia, dos mais notáveis, ou mais porfiados, dos melhores.

diplomacia internacional, opôs os seus direitos às pretensões do rei dos belgas, que visavam, naturalmente, de engrandecimento da sua pátria. Vencidos no pleito diplomático de Berlim, tiveram os portugueses que resignar-se à perda dum império vasto que, tendo descoberto, não tinham, contudo, sabido ou podido ocupar.

O tempo limou as asperezas que essa perda enorme, como tantas outras, deixou, naturalmente, nas relações entre portugueses e belgas.

A Grande Guerra, caldeando interesses morais e materiais, afervorou a amizade dos dois povos latinos. E a colaboração de ambos na

menos importante significado teve a sua visita.

O ministro espanhol, que representou, já, o seu país na capital portuguesa, é, hoje, uma das figuras mais destacadas da politica de Espanha. Conhecedor profundo, também, — como, de resto, afirmou no banquete de homenagem que o Dr. Armindo Monteiro lhe ofereceu, aqui, — do esforço português através do Mundo, D. Juan José Rocha não esconde a sua admiração e o seu afecto pelas coisas portuguesas.

A Espanha teve, com Portugal, o predomínio dos mares. O seu papel na História da Colonização, foi daqueles que afirmam a gran-

de claro na apreciação do que lhe foi dado ver.

E, se é certo que a sua visita, como a do illustre estadista belga que o precedera, se revestiu do aspecto protocolar imane a tôdas as visitas ministeriais, não o é menos que, as suas palavras, as suas expressões, públicas ou particulares, foram a prova real de quanto o certame do Pôrto, síntese do esforço colonial português, o impressionou e agradou ao seu espírito de espanhol e de latino.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Pai Negro

(Ao Henrique Galvão)

No Parque do antigo Palácio de Cristal, alegre e elegantemente transformado para a Exposição Colonial de 1934, respirava-se um ar de festa permanente que fazia bem-dizer a vida.

A' beleza da sua decoração simples, juntava-se a paisagem maravilhosa das margens do Douro bordadas de arvoredo, e, a luminosidade do Céu dilatando-se em bençãos risonhas sobre o povo ordenado e contente.

A figura distinta de Henrique Galvão *the right man in the right place*, a quem o mister de Director da Exposição fazia atravessar os jardins para acompanhar uns visitantes, era respeitavelmente saudada por toda a gente de aquém e de além-mar.

E enquanto a sua presença trazia ao ambiente, a nota simpática dum valor que confraterniza sem vaidade, mas que se impôs incontestável, ouvi que muitos lhe chamavam já «o Rei do Pôrto».

Ondas de música acarinhavam os ouvidos afeitos às cadências dos Tangos e dos Fados.

A erva dos canteiros onde se estendiam tranqüilamente os desenhos das colónias formados por plantas, tranqüilamente crescia e florescia como as províncias representadas.

O aprumo dos landins dava um lindo exemplo de disciplina aos soldados da Metrópole.

O cicereiro portuense apreciava injustamente o sentimento paternal do negro, pela selvageria da *tribu* que entra os filhos logo após o nascimento, quando a sua

mais de-pressa a graça de Deus, que os ambiciosos complicados pelos requintes da civilização decadente!

Contaram-me então.

Diante das cabatas da aldeia de Moçambique, e àquela mesma hora do declinar do sol, poucos dias antes, viera também a mulher dum colono europeu de Angola, observar a grande família duvidosa e volúvel.

As negras mais paramentadas ensaiavam o batuque ao som plangente dum instrumento cansado.

Outras com os filhos às costas, deixavam-nos beijar para recolher escudos.

Um negrito de cinco anos corria para fugir duns espanhóis que o tinham fotografado. E chorava de raiva de não ter conseguido escapar à fotografia.

Mas... nenhum destes detalhes prendera a atenção da senhora que contando tantos anos de Africa não lograra nunca encontrar um bebê tão lindo como o que o negro mais alto tinha debaixo da vista enquanto a mãe o mostrava.

Enleada diante da expressão pasmada dos olhinhos de seis meses, que fixavam talvez pela primeira vez, de tão perto, uma pele branca, asseitinada e fina, sentia-se enternecer pela sorte do pretinho. E levando aos lábios as mástias escuras que se moviam molemente, voltou-se sorrindo para o Pai do pequenito:

— O teu filho fica por cá, sabes? Tomo eu conta dele.

E sorria mais, disposta a cumprir a sua promessa, se ele quisesse aceitar, segura ela que praticaria uma boa acção.

col... murmurava por entre os dentes limados, para fazer bonito.

Decidida a pôr termo ao seu injusto martírio, aproximei-me ansiosa de restituir a paz àquela coração desfeito.

— Socega, apressa-me a dizer-lhe, que o director da Exposição não consente que te roube o filho, ninguém to quer.

Os brancos só tomam conta dos filhos que vocês abandonam. A vontade do branco não pode nunca ser desumana para o negro.

Forcei-me por dar à palavra negro a mesma entoação de que ele usara para dizer branco.

Desdenhosa? fria? Não.

Levemente maguada apenas.

A' medida que eu ia falando o pobrezinho voltava à vida natural, reanimado, radiante.

E caindo em si rectificou já ofendido:

— Negro não, português.

Olhei-o longamente e respondi-lhe ainda:

— Todos irmãos no amor de Deus que vos ensinou Portugal.

E desatando do pescoço uma imagem do Cristo que me acompanhava, recomendei-lhe já pronta a vir-me embora:

— Dá-a ao teu filho, e que o Senhor seja convosco.

No Parque do antigo Palácio de Cristal, alegre e elegantemente decorado para a Exposição Colonial de 1934, respirava-se o ar de festa permanente que faz bem-dizer a vida.

Já nem o preto triste era triste.

Cruzando a Avenida da Índia, outros pretos principiavam o batuque seguidos de imenso povaréu.

E enquanto o negro de Moçambique feliz pela confiança readquirida nos seus direitos sobre o filho, adormecia finalmente agarrado a ele, o alto falante da Exposição avisava o público, que estava em segurança, esperando que a fossem buscar, uma pequenina da Trofa que o Pai distraído, perdera nos jardins...

BERTA LEITE.

Bibliografia

"A Cidade da Beira"

Em homenagem à Exposição Colonial Portuguesa a Comissão de Administração Urbana da Beira editou uma atraente e primorosa monografia, que merece ser lida por todos os portugueses e, em especial, por aqueles a quem os assuntos coloniais interessam.

Nesse elucidativo trabalho, escrito com elegância e simplicidade, toma-se, num claro resumo, conhecimento da história do território de Manica e Sofala e da organização e instalação da Companhia de Moçambique.

O esforço notável de colonização que esse importante organismo tão patrioticamente vem realizando está descrito nos capítulos: *A Cidade da Beira*, o passado e o presente; *O pôrto*; os Caminhos de Ferro, as Estradas e o Desporto.

A Companhia de Moçambique andou acertadamente em distribuir esse volume, esclarecido com numerosas fotografuras, que constitui um esplêndido e louvável elemento de informação, especialmente, para aqueles que não puderem visitar o seu pavilhão no Certame, tão brilhante pela sua imponência de representação como pela nota de seu patriotismo que fere.

ULTRAMAR é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organizações coloniais, etc.



Desenho de José Leite

vinda ao mundo é a causa da morte da mãe. Protestei energeticamente, lembrando as vistas descuidadas de quantos pais brancos, vivos, que entregam as crianças a *fratletas* ou madrastras cujo único interesse é espantar e aumentar grosseiramente nos inocentes confiados à sua guarda, os defeitos terríveis... da mãe!

Se como diz o provérbio o mal e o bem à Jcaza vem, não é de-certo à côr da pele!

E pensando no horror que deve ser a vida sem mãe, quasi achava perdoável a ordem de idéias que arripiava todos, mas que felizmente a acção das missões religiosas, medicou já, por completo.

Ao passar pela memória de Diogo Cão, fiz o sinal da cruz — como se ela fôra a porta aberta do Templo Cristiano que Portugal levantou no Ultramar.

E dirigi-me ansiosa à senzala de Moçambique para ver o negro triste em que me tinham falado.

..... Lá estava silencioso e friorento.

Enquanto algumas pessoas o diziam doente, riam-se outras, chamando-lhe pié-gas. Indaguei.

A pouca gente interessava a meditação do infeliz.

Quem se demora a profundar os pensamentos sombrios dos negros?

Raros são os brancos que lhes atribuem uma alma igual à deles.

E no entanto, quantas vezes esses espiritos de humildade e dedicação, alcançam

Mas trêmulo de angústia como se o golpeassem em pleno peito, o negro recusou assustado respondendo mansamente:

— Não pode ser.

— Não pode ser? tornou a senhora admirada. — Pensas talvez que seria maltratado?

— Si não, balbuciou o preto embaçado, é que... eu não tenho outro.

E ela já um pouco distraída:

— Pois arranja-te como puderes, este fica por cá.

E inconsciente do mal que fazia, afastou-se sorrindo sempre, como se não temesse ver-se desobediência.

Então, tomando o filho nos braços para melhor o apertar ao coração, o pobre pai cobriu-o de lágrimas iguais às nossas, e pôs-se a fazer-lhe festas, como quem se despede do seu único tesouro.

Esquecendo completamente o incidente, a mulher do colono de Angola nem sequer lá voltou.

Mas o preto triste, vivia no pavor de a ver reaparecer.

..... Lá estava.

Desde essa hora que nunca mais dormia nem comera convenientemente.

Silencioso, acabrunhado, e talvez doente, aquêlo moço forte que faria medo a muitos brancos se quisesse revoltar-se, succumbia ao péso dum fatalidade contra a qual não havia que lutar:

— Vontade do branco, vontade do bran-

Johan Voetelink visita a Exposição

Dando mais uma vez uma demonstração de amizade e admiração pelo nosso País, veio, propositadamente, ao Pôrto visitar a Exposição Colonial o sr. Johan Voetelink, ilustre cônsul honorário de Portugal em Amsterdam.

Tendo manifestado, por várias vezes, o seu entusiasmo pela história e pelo progresso de Portugal, na Metrópole e nas Colónias, o sr. Voetelink é justamente considerado entre nós, não só pelas constantes demonstrações de simpatia dedicadas ao nosso País como pela impressão de nobreza e humanitarismo, — que perdura no espírito de todos os portugueses, — deixada pelo carinho e desinteresse dispensados aos nossos soldados quando passaram por Amsterdam, finda a guerra, de regresso dos campos de concentração alemães, onde viveram dolorosos dias de cativeiro.

O sr. Voetelink visitou a Exposição Colonial, ficando com as melhores impressões do documentário expressivo de todo o seu recheio, e tendo dirigido, com a franqueza que o caracteriza, os seus mais calorosos elogios ao sr. Director e Membros da Comissão Organizadora.

Ao sr. Voetelink, na véspera da sua partida, a 14 do corrente, foi oferecido no restaurante de luxo do Pálcio das Colónias um banquete de homenagem, que foi uma eloquente afirmação de elevada consideração e perfeita estima.

Num ambiente de unidade e clara confraternização, reuniram-se à volta do sr. Johan Voetelink todos os valores dinâmicos do Pôrto representativo e ainda outras individualidades em destaque na sociedade portuguesa, como os srs. engenheiro Custódio Guimarães, Cupertino de Miranda, Capitão Henrique Galvão, Ricardo Spratley, Capitão Fernando Brandão, Francisco Borges, Coronel Cristóvão Aires, Henrique de Castro Lopes, José Júlio Vilaça, Dr. Vasco Valente, Dr. José Pereira Salgado, Augusto de Oliveira, Dr. Alberto Pires de Lima, José Diogo Orey, Luis Lencastre e Dr. José Pontes.

Grande Parada de Bombeiros

A 9 de Setembro próximo vai realizar-se, em homenagem à Exposição Colonial, uma grandiosa parada de bombeiros, à qual concorrem todas as corporações humanitárias do País.

O programa está sendo elaborado com números de grande atracção.

A Instrução na Colónia de Cabo Verde

A Colónia de Cabo Verde é aquela que apresenta na sua população uma menor percentagem de analfabetos.

A Índia a-pesar-de ter uma dotação de estabelecimentos de ensino muito mais importante que a daquele arquipélago do Atlântico não conseguiu difundir entre os seus naturais a média de cultura que Cabo Verde apresenta.

Além do incremento que alguns governos da Colónia, e entre eles justo é destacar o do governador Fontoura da Costa, deram ao ensino funcionário em Cabo Verde, o nativo também se mostra possuído duma curiosidade consciente de saber que muito facilitou a acção daqueles. Demais o cabo-verdeano, pela fatalidade económica que as suas ilhas

oferecem, sentia-se na obrigada necessidade de emigrar. A emigração marcou sempre de preferência o rumo da América do Norte — e este país punha aos seus trabalhadores a exigência de saberem ler e escrever.

Presentemente procede-se em Cabo Verde ao estudo da reorganização do ensino público, a qual, segundo se anuncia, dará uma grande expansão ao ensino profissional.

O quadro que segue, retirado da cuidada documentação da Secção de Informações da I Exposição Colonial Portuguesa foi elaborado pelos Serviços de Estatística de Cabo Verde e refere a população da Colónia segundo o grau de instrução e naturalidade:

População por naturalidades e instrução

| | EUROPEUS | | AFRICANOS DE | | | Os outros Continentes | | |
|---|--------------------|--------------|-----------------------------|------------|--------------|-----------------------|--------------|----|
| | Portugueses | Estrangeiros | Outras Colónias portuguesas | Cabo Verde | Estrangeiros | Portugueses | Estrangeiros | |
| Total geral | 153.182 | 655 | 105 | 249 | 152.046 | 29 | 24 | 74 |
| Instrução: | | | | | | | | |
| Sabem ler e escrever | 37.914 | 235 | 47 | 46 | 37.504 | 29 | 12 | 41 |
| Sabem ler | 10.070 | 138 | 26 | 12 | 9.880 | — | 4 | 10 |
| Analfabetos | 92.285 | 182 | 19 | 171 | 91.899 | — | 6 | 8 |
| Total | 12.913 | 100 | 13 | 20 | 12.763 | — | 2 | 15 |
| Graus de habilitação: | | | | | | | | |
| Instrução primária | | 38 | 8 | 13 | 12.525 | — | — | 15 |
| Curso secundário geral incompleto | | 15 | 2 | 2 | 143 | — | — | — |
| Curso secundário geral | | 4 | 1 | — | 51 | — | — | — |
| Curso secundário complementar | | 6 | — | — | 16 | — | — | — |
| Curso profissional técnico secundário | | 10 | 2 | 2 | 11 | — | — | — |
| Freqüências de cursos superiores | | 9 | — | — | 7 | — | — | — |
| Curso superior | | 18 | — | 3 | 10 | — | 2 | — |
| | Média geral | | | | | | | |
| (a) Percentagem de analfabetos | 45,5 | | | | | | | |

(a) Obteve-se a percentagem subtraindo à população o número que se refere à infantil até aos dez anos.

Colaboradores da Exposição



Dr. Artur E. Almeida de Eça

ULTRAMAR destaca hoje da galeria dos colaboradores da Exposição Colonial Portuguesa, a figura do illustre director dos Serviços de Pecuária

da Colónia de Angola, Dr. Artur E. Almeida de Eça, que veio ao Pôrto como Delegado do Governo Geral daquela Colónia.

A acção destacante do Dr. Almeida de Eça ao Serviço da Colónia de Angola, onde é o mais antigo Chefe do Serviço, impô-lo naturalmente para o encargo da organização da Representação da Colónia à I Exposição Colonial, do qual se desempenhou brilhantemente.

O Dr. Artur E. Almeida de Eça foi nomeado pelo Governo Geral de Angola para a representação oficial da Colónia junto da Exposição Colonial, na qualidade de Delegado.

No exercício d'este seu cargo tem mais uma vez patenteado as suas extraordinárias qualidades de organizador.

CONGRESSOS

De Agricultura Colonial

Promovido pela Associação Central da Agricultura Portuguesa, Liga Agrária do Norte e Direcção da Exposição Colonial

Portuguesa vai realizar-se de 24 do corrente a 2 de Setembro no Pôrto o Congresso de Agricultura Colonial, para o qual a respectiva Comissão Organizadora tem recebido valiosas e interessantes teses de coloniais, engenheiros-agrónomos, professores e regentes agrícolas em evidência no Ultramar e na Metrópole.

De Colonização

Vai realizar-se, no Palácio da Exposição Colonial, de 26 a 29 de Setembro, o Congresso de Colonização, do qual é presidente de honra o Chefe do Estado. São presidentes honorários os srs. presidente do Ministério e ministro das Colónias; vice-presidentes honorários os srs. comandante da 1.ª Região, reitor da Universidade do Pôrto, governador civil, presidente do Município e presidente da comissão executiva da Exposição Colonial.

A comissão organizadora do Congresso tem como presidente o sr. conde de Penha Garcia e como membros todos os directores da Sociedade de Geografia de Lisboa, outras personalidades de relevo colonial e os presidentes das secções de estudo da mesma Sociedade.

A comissão executiva é constituída pelos srs. conde de Penha Garcia, presidente; coronel Lopes Galvão, secretário, e Alvaro Neves Fontoura, dr. José Santa Rita, capitão Afonso dos Santos, capitão Henrique

Galvão, Ricardo Spratley e dr. José Vaz Pinto, vogais.

O regulamento do Congresso já foi publicado. Estabelece três classes de congressistas: honorários, efectivos e adherentes. Fixa as atribuições das comissões, direitos e deveres dos congressistas.

A finalidade do Congresso é o estudo do povoamento das colónias portuguesas.

O Congresso terá uma sessão solene de inauguração e quatro sessões ordinárias, além da de encerramento, na qual se votarão as conclusões finais.

Do Intercâmbio Comercial com as Colónias

Ficou assente a realização de 14 a 17 de Setembro próximo o Congresso do Intercâmbio Comercial com as Colónias, com o seguinte programa: Dia 14, à noite, sessão solene inaugural, no Palácio da Bólsa; dia 15, sessões de trabalho, de manhã e de tarde, nas salas da Associação Comercial, havendo, à noite, recita de gala, no teatro da Exposição Colonial; dia 16, também, sessões de trabalho, de manhã e de tarde, e, à noite, festa gentílica, no recinto da Exposição; dia 17, sessão conjunta das diferentes secções do Congresso, das 10 às 12 horas, no Palácio da Bólsa, e, às 16, sessão de encerramento, no teatro Gil Vicente. À noite, banquete, no salão de festas do Palácio das Colónias, seguido de concerto ou baile.

No Ministério das Colónias

Posse dos governadores dos distritos de Luanda, Malange e Huila e do Director da Administração Civil de Angola. Um notável discurso do sr. Ministro das Colónias.

No gabinete do sr. ministro das Colónias, em Lisboa, tomaram posse em 8 do corrente os srs. dr. Manuel Figueira, tenente-coronel Garcez de Lencastre, capitão-tenente Lopes Alves e capitão Carlos Afonso dos Santos, respectivamente, dos lugares de Director dos Serviços de Administração Civil de Angola e governadores das províncias de Luanda, Malange e Huila.

Nessa ocasião o sr. dr. Armindo Monteiro, ilustre Ministro das Colónias, pronunciou um discurso de que, pela importância das suas afirmações, o ULTRAMAR extracta os seguintes períodos:

«A África inteira parece afundar-se, neste momento, na grave crise que tomou o Mundo. O seu comércio declina, de ano para ano. Basta, apenas, citar alguns números: em 1928, o comércio total da África, era representado por 1.434 milhões de dólares; em 1931, por 933; em 1932, por 858 e em 1933, por 834; houve, assim, um decréscimo de 46 por cento. Praticamente, os países africanos vendem, hoje, ao Mundo metade do que lhe vendiam há 6 anos. Consequentemente, podemos dizer, porém, que as colónias portuguesas estão, ainda, em relação a tais cifras, em condições de singular privilégio na derrocada. E à frente de todas, Angola, porque, mercê da política de pro-

de um artigo, publicado num jornal de Luanda: «Angola foi votada à margem da assistência moral e material, a que tem irrecusáveis direitos. Os colonos não podem suportar mais sacrifícios. A capacidade da sua resignação está esgotada. O comércio e a agricultura debatem-se no estorço de uma agonia que não tem precedentes. Esperou-se muito tempo pela arrumação da casa. Estava tudo esfarrapado e fora dos seus lugares. Este é o quadro sintético, mas realíssimo, da vida, sem vida nenhuma, que a nossa observação directa esboçou, de extremo a extremo da colónia. Todavia, a casa arrumou-se.»

— O jornal que publica estas palavras pertence à oposição, mas não diz a verdade quando afirma que a casa está em ordem, que a casa está arrumada.

«Quero proclamar que a casa não está em ordem, nem arrumada. Com verdade e honestidade podemos dizer apenas que começamos a pôr a casa em ordem, a arrumá-la; mas são ainda necessários muitos anos para a pôr em ordem. Isto mostra que a colónia tem péssimos génios, péssimos orientadores em todos aqueles que lá pretendem dirigir a opinião e que esse é o pior mal da colónia — porque a predisposição para a indisciplina, para a descrença, para a reacção contra tudo o que seja o esforço lento, metódico, calmo e ponderado que é o único esforço verdadeiramente criador. Temos de lutar contra tais mentalidades.

«É inútil os srs. governadores pensarem que vão encontrar facilidades no seu Governo; num País que apenas começa a sair da profunda desordem, em que estava

bilidade da colónia: em escudos metropolitanos 479.143 contos; em libras, 522.255; em angolares, 6.960 contos; isto é, perto de 550 mil contos. Em 1910 procurou saber-se em que foi aplicada esta quantia, mas a contabilidade da colónia não o sabia dizer e apenas se conseguiu averiguar que de 1919 a 1924 se tinham gasto em obras públicas, 7.591 contos e em caminhos de ferro 2.442 contos, isto é, 10.039 contos.

Fala, depois, das estradas e diz até que em matéria de estradas pertence aos últimos anos a página mais brilhante. E cita os seguintes números: de 1919 a 1933, o ano em que se construiu maior número de estradas foi o de 1930-31, que atingiu o número de 2.873 quilómetros; em 1924-25, 1.939 quilómetros; em 1926-27, 1.809; em 1925-26, 1.697; em 1919-20, apenas se tinham construído 214 quilómetros.

«Digo isto, senhores governadores, para que V. Ex.^{as} façam no seu espírito uma nítida distinção entre um passado que deu muito dinheiro a ganhar aos particulares, mas arruinou o Estado, e um presente que exige sacrifícios e disciplina, põe em ordem a vida do Estado para assegurar a prosperidade de todos no futuro.

«No primeiro caso, como disse muito bem o sr. coronel Vicente Ferreira, a quem a colónia deve um notável esforço no sentido da ordem financeira, «fizeram-se grandes fortunas aparentes e provocaram-se grandes ruínas efectivas». No segundo caso, podem ficar grandes fortunas reais. Mas para que a obra lusa é preciso dar tempo ao tempo e tanto mais tempo quanto mais



PALÁCIO DAS COLÓNIAS — Secção de agricultura e florestas na galeria da nave central

teccionismo, seguida, e da estreita vigilância da sua balança comercial e dos seus movimentos cambiais, temos conseguido dois resultados: 1.º, os valores da exportação aumentaram, em plena crise, facto tão raro no Mundo, que parece que todos os portugueses de Angola o deviam celebrar, como um índice quasi certo, de que se tinha facilmente achado na ordem o caminho da prosperidade; em 1933, o valor da exportação da colónia atingiu 246.833 contos, cifra só excedida pelos anos de 1924, 1928 e 1929, que foram anos de altas cotações de produtos coloniais; 2.º, a balança comercial, fecha, há 3 anos, com saldos positivos, e apresentou, em 1933, talvez, o maior saldo positivo que em sua história se conhece: 70.893 contos. Isto devia ser tomado por índice, quasi certo, de que a questão das transferências ia em bom caminho, porque claramente mostra que a colónia tem cobertura para pagar todas as necessidades do seu comércio, deixando livres 70.893 contos, para cobrir outros encargos. Estes resultados são tangíveis, claros, insosfismáveis. Porém, em Angola, há jornais que, apenas, pelo facto de pertencerem à oposição, entendem que devem deturpar a verdade, esconder os factos.

«A propósito, desejo ler a passagem

empilhado, é preciso muita tenacidade para lutarem com aqueles a quem a desorganização convém. Quem serenamente ponderar os factos, terá de concluir: «1.º, Que a colónia, com a ajuda da metrópole que lhe perdoou os juros da sua dívida, tem equilibrado os seus orçamentos; 2.º, Tem saldos positivos nas suas contas em dois anos seguidos; 3.º, Tem contas e orçamentos em dia; 4.º, Quasi liquidou as suas dívidas correntes; 5.º, Acabou com os formidáveis déficits dos seus serviços industriais; 6.º, Tem mantido quasi sem desvalorização o valor da sua moeda.»

«Quero dizer aqui, que considero o da maior e de mais larga importância para o futuro da colónia o esforço de ordem e de lenta organização que se tem realizado nestes últimos quatro ou cinco anos do que todo o dinheiro que em anos anteriores para lá lhe mandaram. Este esforço vai criando raízes e se o continuarem assentará em bases sólidas do futuro da colónia. O outro gastou-se não se sabe bem em que, e dele ficou apenas a dívida e os encargos; esse dinheiro gasto, é hoje, o maior embaraço que a colónia tem para o seu desenvolvimento. Mas dinheiro gasto, não se sabe bem em que — acentua: Entre 1921-22 e 1924-25, Angola recebeu de empréstimos o seguinte, segundo a conta-

violento fôr o trabalho de sapa que os inimigos do bem público realizarem para impedir a sua marcha vitoriosa. «Sobre todos os trabalhos que vos competem é esta a dura missão que vos confio: reacender a fé naquelas almas, dar-lhes a certeza que é este o caminho.»

Em resposta, o sr. tenente-coronel Garcez de Lencastre, em nome dos seus colegas, pronunciou as seguintes palavras:

«As melhores palavras de garantia do desempenho nesse lugar é o compromisso de honra, agora tomado. O contacto que por vezes tive com V. Ex.^{as}, durante dois para três anos, em que exerci o cargo de agente geral das Colónias, mostrou que procurei sempre desempenhar o melhor possível o meu lugar, cumprindo sempre as instruções do chefe, que V. Ex.^{as} é. Pode V. Ex.^{as} ter a certeza de que os funcionários agora nomeados saberão cumprir o seu dever, e, aos que o não cumpram, tem V. Ex.^{as} o direito de lho exigir. Nós, sr. ministro, enfileiramos nos primeiros. O discurso de V. Ex.^{as} foi o traçado duma superior orientação política do Império Colonial Português. Ele servirá de guia.»



PALÁCIO DAS COLÓNIAS — Secção das indústrias Coloniais na galeria da nave central

A Sentinela Negra

Episódio observado no recinto da Exposição.

Junto do triunfal Palácio do Império, Aprumada e viril, nimbada de mistério, Está fazendo a guarda a sentinela negra...

No parque, à sua frente, o sol de Julho abraça O esmeraldino mar de reiva aveludada, Na qual um génio bom — por certo alguma fada — Desenleou, com amor, em traços caprichosos, Os mapas imortais, os nomes gloriosos Das terras de Além-Mar...

Mas nada faz quebrar O silêncio mortal da negra sentinela, Que parece sentir o orgulho de ser ela. O primeiro padrão, o simbolismo vivo Dêsse Império sem par, hospitaleiro e altivo Nutrido com o sangue heróico duma Raça!

Palreira e pueril, a multidão que passa Sepulta na retina a imagem do landim... Mas o moço soldado de ébano e marfim Mantém a indiferença altiva das estátuas, Como aqueles antigos, indomáveis vátuas, De linhas juvenis e olimpica frieza...

Como solta reprêsa, Espraia-se o caudal da multidão gigante...

De súbito, uma voz, pequenina e caudante, Qual fiozinho de água, Ergue esta prece feita de desejo e mágia: — Mãe, eu queria dar um beijo no soldado!... Hesita a jovem mãe; porém, a um novo brado Da voz em que palpita um choro reprimido, Levanta o pequerrucho, e, em gesto decidido, Encosta à negra face os lábios da criança!

Ao beijo da aliança, A boca do landim tem um sorriso intenso... E um invisível fumo, um arripio intenso De lágrimas lhe vidra os olhos sonhadores, Lavados de temores, E onde paira agora uma alegria franca; Como se essa cortina de água lhe formasse Um espelho lustral em que se debruçasse A sua alma pura, a sua alma branca!...

ALBERTO FIGUEIRINHAS.

AUGUSTO CARDOSO

A História tem, como a Vida, as suas injustiças. Uma delas é o esquecimento a que tem sido votado o explorador Augusto Cardoso, incluído companheiro de Serpa Pinto.

Augusto Cardoso completaria amanhã 75 anos. Faleceu em Lourenço Marques em 3 de Março de 1930. Tive a honra da sua amizade e o prazer do seu convívio desde 1921 até aos últimos dias da sua vida, em que quasi diariamente eu e o Dr. Manuel Peres, director do Observatório de Lourenço Marques, íamos levar o refrigério de uma conversa amiga à tortura da sua longa e cruel doença.

O guarda-marinha Augusto Cardoso, contando vinte e dois anos, fôra em 1881 em estação naval para Moçambique, e, matemático, geógrafo, artista, homem de coração e de carácter, alistava-se como explorador ao lado de Serpa Pinto.

Separou-se depois dele e sózinho tentou a travessia de Moçambique ao Lago Niassa. Passou agruras, o paludismo cegou-o; recuperou depois a vista, e após ter implantado a bandeira portuguesa por aqueles sertões onde tantos régulos se manifestaram ainda insumissos à nossa soberania, regressou a Lisboa, e em Dezembro de 1886 fez tão modesta como bri-

lhantemente o relato da sua travessia, numa sessão solene no teatro de S. Carlos, sob a presidência do rei D. Luiz. Antes dele, falara Serpa Pinto. A encerrar a sessão falou António Augusto de Aguiar. O chefe do Estado agradeceu o jovem explorador com a comenda de S. Tiago e nomeou-o seu oficial às ordens.

Mas Augusto Cardoso preferia a vida de África à vida da corte. Voltou para Lourenço Marques, onde foi capitão do porto, director da Alfândega e director do Observatório. Mais tarde governou com muito brilho o distrito de Inhambane.

Veio a República em 1910. E Augusto Cardoso, que tinha jurado fidelidade ao rei e era seu oficial às ordens, imediatamente pediu a demissão de todos os seus cargos públicos e de oficial da armada. E daí por diante, nos vinte anos que ainda viveu, toda a sua energia, a sua actividade, a sua forte inteligência a sua vasta cultura foram postas ao serviço da República, ao serviço da Pátria e da Colónia que adoptara para residência definitiva.

Nunca o seu sábio conselho faltou a quem quer que governasse Moçambique, a quem quer que honesta e devotadamente trabalhasse pelo progresso daquela vasta província.

Já no seu leito de enfermo, de que ainda se erguia às vezes, foi convidado pelo governador José Cabral a acompanhá-lo na posse que ia tomar dos territórios resgatados à Companhia do Niassa. Nenhuma homenagem mais justa, mais devida. A enfermidade do velho Comandante não o deixou aceitar o convite para ir ver de novo as terras cuja posse em grande parte a êle devemos.

A sua modéstia extrema, inata, nada estudada, só natural, fê-lo esquecido um pouco dos seus contemporâneos, quasi até talvez da incorruptível justiça da História.

Quando exerci as funções de Director de Estatística de Moçambique tive ocasião de promover ao sábio e probo explorador a homenagem da publicação, pela Imprensa Nacional de Lourenço Marques, da sua conferência no Teatro de S. Carlos, de Lisboa, cuja primeira edição estava esgotada.

Hoje seja-me permitido deixar à memória do grande português e querido amigo, nestas palavras singelas, a expressão de uma grande saúdade.

ANTÓNIO BARRADAS.



PALÁCIO DAS COLÓNIAS — Secção de geologia e minérios na galeria da nave central

Impressões duma visita ao Certame

Do artigo «Sursum Corda», firmado pelo sr. general Norton de Matos, publicado em 15 do corrente em O Primeiro de Janeiro, transcrevemos os seguintes períodos, a propósito da visita feita à Exposição Colonial:

«Trouxe das visitas que me foi possível fazer a essa exposição a certeza absoluta de que constituimos hoje uma nação essencialmente colonial, de que cada vez será mais acentuada esta característica da nossa nacionalidade e de que o Estado e os governos, sejam eles quais forem, serão impedidos pela nação a considerarem como a primeira, como muito acima de todas as outras, como a única razão de ser da nossa existência, a questão colonial. A Exposição Colonial é um facto

histórico que se está produzindo; e com esta categoria de facto histórico esse acontecimento não podia deixar de ser devido ao sentir do povo português. E a circunstância de se ter dado no Porto vem corroborar a minha asserção. Nessa cidade, mais do que em Lisboa, aonde muitos internacionalismos imperam já, a concentração da vida nacional é maior; nela tinha de surgir a data que ficará a representar na nossa história uma longa passada para a definitiva integração na nação dos territórios ultramarinos.»

«Vejo neste momento a Exposição Colonial no seu conjunto. A funda impressão que ela me causou corresponde à grandeza do império. Para mim isto era o essencial, o meu receio e a minha dúvida. Receio e dúvida desvaneceram-se por completo. Nada mais quis averiguar neste primeiro contacto. E esta certeza foi-me dada não pelo que vi e contemplei, mas também pela multidão com a qual me confundi. Lembrou-me

das minhas primeiras horas na Exposição Colonial, apenas acompanhada da minha mulher, olhando e arquiando sem quaisquer sugestões, sem necessidade de tomar quaisquer atitudes, animado do mesmo espírito que ao Palácio de Cristal levava centenas de portugueses humildes com que me acotovelava e que ingenuamente exprimiam a sua admiração, o seu respeito, o seu culto pelas coisas que viam. Eles e eu estávamos ali em romaria àquele santuário de grandeza da Nação, confundidos em êxtase idêntico, onde não podia entrar a menor parcela de espírito crítico.

Que podia eu desejar mais.»

NORTON DE MATOS.

ULTRAMAR vende-se no recinto da Exposição na Livraria da Sr.^a D. Alice Lage.

CANTINA DA EXPOSIÇÃO

Foi inaugurada no recinto da Exposição uma Cantina, que fornecerá aos empregados no certame uma refeição diária constando de sopa, pão e vinho, ao preço de um escudo. A comissão que dirige esta Cantina é composta pelas senhoras D. Maria de Lourdes Galvão, D. Beatriz Frias e D. Maria de Lourdes Pinto Machado.

Almôço de confraternização dos empregados superiores dos «stands» particulares

No Restaurante «Quissages», do sr. Manuel Recarei, realizou-se, em 3 do corrente, pelas 13 horas e meia, um almôço de confraternização, dos empregados superiores dos «stands» particulares, a que presidiu o sr. capitão Henrique Galvão, director técnico da Exposição Colonial Portuguesa.

A direita do director da Exposição sentavam-se o sr. Amílcar Pereira Cardoso, do «stand» A. J. da Silva Pereira, e sr. Alexandre Fleming, do «stand» da Fábrica Breyner. Em frente do sr. capitão Henrique Galvão sentavam-se o sr. Diogo San Romão.

Quando se iniciaram os brindes em nome da comissão organizadora, e em nome de todos os empregados superiores, ali reunidos, usou da palavra o sr. Amílcar Pereira Cardoso, falou do significado da festa — festa de confraternização e homenagem — confraternização do pessoal superior dos «stands» particulares e de homenagem ao sr. capitão Henrique Galvão, director técnico da Exposição Colonial.

E ao acentuar esse aspecto, o sr. Pereira Cardoso acentuou, também, o auxílio ao certame emprestado pelo governo, convertendo esta parada colonial numa verdadeira Exposição moderna, cheia de ideias novas ao serviço dum país renovado.

Bebedor por todos os circunstantes, brindou, também, pelo sr. director da Exposição, em boa hora — disse — indicado para a chefia suprema duma organização tão grandiosa.

Ao brinde do sr. Amílcar Pereira Cardoso, respondeu o sr. capitão Henrique Galvão.

Agradece a honra que lhe conferiram ao convidá-lo a presidir a este almôço, almôço de trabalhadores da Exposição, de colaboradores da Exposição Colonial Portuguesa. O êxito da Exposição — continuou — não pôde ser atribuído a uma pessoa, ou a um pequeno grupo de pessoas, dado ser ela um passo para objectivos mais altos em matéria de política colonial.

Felicitando-se por se encontrar naquela festa dos empregados superiores dos «stands» particulares da Exposição, mostra-se grato pelas manifestações de apreço que lhe tem sido dirigidas e bebe pelas prosperidades pessoais e pelo pensamento que levou àquela reunião.

O sr. João Marques da Cunha, da Companhia Lusitana de Fósforos, e os srs. Bernardo Guedes da Casa Tomaz Cardoso, e Teófilo de Macedo Afonso, da Recantchagem Invicta, erguem, ainda, brindes saudando a figura do sr. capitão Henrique Galvão. E, por fim, resolve-se enviar ao sr. ministro das Colónias o seguinte telegrama: «Empregados superiores «stands» particulares I Exposição Colonial Portuguesa após almôço confraternização homenagem director técnico felicitem v. ex.ª nomeação para êxito Império Colonial».

O «DIA DA CARAVELA»

Organizado pela sr.ª D. Ana José Guedes da Costa, realizou-se em 2 do corrente, nesta cidade, o «Dia da Caravela», em benefício das Missões Religiosas Portuguesas, — jornada simpática e eminentemente altruista a que deram tódá a sua prestimosa colaboração as senhoras do Porto percorrendo a cidade na colheita de donativos para tam admirável obra de apostolado cristão.

O «Dia da Caravela», a-pesar-da chuva que prejudicou, sem dúvida, essa humanitária jornada, rendeu 31.506\$40. No recinto da Exposição a colheita de donativos atingiu quatro mil e quinhentos escudos.

A Parada das Colectividades de Educação e Recreio, organizada pelo Grupo «Alma Lusa», do Pôrto, e em homenagem à Exposição Colonial constituiu uma notável manifestação popular

A Parada das Colectividades que no domingo, 5 de Agosto, se efectuou nesta cidade em homenagem à Exposição Colonial Portuguesa, promovida pelo Grupo Excursionista «Alma Lusa», constituiu uma vibrante manifestação cheia de cor, de carácter e de alegria.

Alguns milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças, abriram um parêntesis saudável e alegre, humanamente justo, nas horas de desalento seguidas que a ingrata

Informação da Quinzena

luta pela vida proporciona, e vieram de vários pontos de Lisboa, do Norte e do Pôrto, trajando a sua indumentária típica e acompanhadas das suas tunas musicais, a prestar homenagem singela mas expressiva ao Certame de exaltação e propaganda colonial.

A Parada das Colectividades, cuja organização demonstrou um trabalho intenso e digno de franco elogio, foi uma curiosa, simpática e ordeira manifestação que revelou em tódá a sua ingenuidade e pureza de aspectos a alma popular, deixando em todos que a ela assistiram as melhores impressões.

Os componentes das agremiações do Norte aos quais se juntaram cerca de seiscentos excursionistas da Federação das Sociedades de Educação e Recreio, de Lisboa, retiraram-se numa sessão solene no teatro Rivoli, foram depor ramos de flores no monumento dos Mortos da Grande Guerra e organizaram um cortejo que, entre aplausos, atravessou a cidade em direcção ao Palácio das Colónias.

No recinto da Exposição, na escadaria da Praça do Império, os grupos desfilarão, garbosamente, diante dos srs. capitão Henrique Galvão, director-técnico da Exposição; Manuel Caetano de Oliveira e Ricardo Spratley da Comissão Organizadora; Eduardo Lopes, secretário geral; Henrique Mouton Osório, chefe dos Serviços Técnicos; José Luis Brandão, Ventura Júnior e Romualdo Tôres; Manuel José Fernandes, Antero Garcez Palha e Porfírio de Oliveira, do Grupo «Alma Lusa».

Os grupos entraram com aprumo e inclinarão em saudação as respectivas bandeiras diante do sr. Capitão Galvão, que, em cada uma delas, colocou um laço vermelho e preto, em seda, com as iniciais douradas «E. C. P. -5-8-34».

A maioria dos componentes dos Grupos, que foram recebidos nos Paços do Concelho, visitaram a Exposição.

O «DIA DE TIMOR»

A Exposição Colonial comemorou a 6 de Agosto «O Dia de Timor», solenizando o aniversário da assinatura, em 1661, do tratado de paz entre Portugal e a Holanda, — tratado que, se não harmonizou os interesses das duas nações no arquipélago de Solor e Timor, pelo menos pôs termo à guerra aberta que a Holanda, a despeito do convénio de 1645, fazia ao nosso País.

No monumento ao Estorço Colonizador foi descerada uma placa com a seguinte legenda: «Relembrando Celestino da Silva — Homenagem dos Portugueses de Timor 6-8-934».

Assistiram à cerimónia os srs. João Mimoso Moreira director-adjunto da Exposição; tenente-coronel Júlio Garcez de Lencastre e Ricardo Spratley, pela Comissão Organizadora; coronel Almeida Valente, dr. António Barradas, Machado Saldanha, dr. Almeida d'Êça, tenente-coronel Salustiano Correia, dr. Alberto Pinheiro Tôres, Eduardo Lopes, Henrique de Castro Lopes e Moura Continho.

No recinto formaram os indígenas das Colónias, tendo a lâpide sido descerada pelo sr. D. Aleixo Côrte-Real, coronel da 2.ª infantaria, e fazendo-se ouvir a banda de Freamunde, que executou o hino nacional.

O sr. D. Aleixo Côrte-Real pronunciou nessa ocasião o seguinte discurso:

«A nossa Mãe e o nosso Pai foram-nos procurar em tempos antigos; descobriram Timor, aportando a Lifau; e assim vieram — portugueses da Metrópole e portugueses de Timor — até o presente. E, hoje, muitos nos orgulhamos da nossa Mãe e do nosso Pai. Do Pôrto até Dily não há balizas: tudo é chão sagrado de Portugal! Os portugueses antigos deram aos de Timor a bandeira sagrada da Pátria e o tambor para nos acordar à luta.

Deram-nos machetes e catanas para o trabalho do nosso solo — o solo de Portugal. E ensinaram-nos os trabalhos das tranqueiras e o serviço dos nossos campos verdes e vermelhos. Mais tarde, travou-se a luta para a pacificação perante a nossa bandeira — a bandeira de Portugal — mas, após ela, o ensinamento generoso do trabalho continuou e tudo esqueceu. Nós, que viemos à Mãe-Pátria representar todos os povos de Timor na Exposição Colonial, aqui prestamos, em nome de todos, o nosso culto a Portugal. E quando regressarmos à nossa terra ali faremos constar a nossa admiração e gratidão pelo que viemos na terra da nossa Mãe e do nosso Pai».

A curiosa alocução, foi, em seguida, transmitida em versão portuguesa.

Homenagem ao sr. tenente-coronel Garcez de Lencastre

O distinto colonial sr. tenente-coronel Júlio Garcez de Lencastre, ultimamente nomeado governador da província de Luanda para onde seguiu em 11 do corrente, foi na noite de 6, alvo dum carinhosa manifestação de apreço promovida pelos seus colegas na Comissão Organizadora e a que se associou a Comissão Pró-Colónias.

No restaurante do Palácio das Colónias realizou-se um jantar íntimo, presidido pelo sr. tenente-coronel Garcez de Lencastre e a que assistiram os srs. José da Fonseca Menezes, João Mimoso Moreira, António Domingues de Freitas, Ricardo Spratley, Manuel Caetano de Oliveira, Raul de Sousa Ferreira, Xavier Esteves, Jorge de Viterbo Ferreira, Eduardo Lopes e Henrique de Castro Lopes. O jantar decorreu num ambiente de intimidade e de confraternização, tendo os assistentes recordado várias fazas da actividade das Comissões Pró-Colónias e Organizadora da Exposição para a montagem do actual Certame. A personalidade do homenageado foi posta, sob várias modalidades, em destaque, em termos expressivamente elogiosos.

O sr. tenente-coronel Garcez de Lencastre agradeceu a homenagem de que fôra alvo. Salientou que se não fosse a persistência e o trabalho dos organismos económicos do Pôrto a Exposição Colonial não teria a sua realização nesta cidade. Fêz várias considerações sobre a necessidade de aproximar mais a Metrópole das Colónias e lembrou a utilidade dum viagem ao Ultramar dos representantes dos organismos económicos portugueses.

Saudou, por fim, o Chefe do Estado, a cidade do Pôrto e o sr. António de Oliveira Calem, presidente da Comissão Organizadora da Exposição, que se encontra ausente no estrangeiro.

Entre outros, o homenageado recebeu telegramas de saudação da redacção do ULTRAMAR e do nosso camarada Mário de Figueiredo.

O concurso internacional de tiro efectua-se de 26 de corrente a 2 de Setembro

As provas do Concurso Internacional de Tiro, organizadas sob o patrocínio da direcção da Exposição Colonial, efectuarão-se de 26 do corrente a 2 de Setembro. Trata-se da primeira prova internacional, dêste desporto, que se realiza no nosso País.

Serão oito dias consecutivos de provas, em que os atiradores nacionais, que fôrão seleccionados para representar Portugal, terão de bater-se contra alguns dos melhores atiradores do mundo.

O programa, que foi elaborado, tecnicamente, dentro dos moldes rigorosos determinados pela Union International de Tir, compreende, apenas, as provas e posições regulamentares internacionais e mereceu a aprovação superior da direcção da Arma de Infantaria.

Os prémios são de valor artístico e material muito importante. Haverá taças de honra, para as secções concorrentes, e medalha de ouro e prata para os equipters.

Na prova dispuz-se o record da concorrência: o de tiro olímpico, feito sobre alvos de figura de homem, a pé, à distância de 25 metros, com pistola de repetição. Um grande número de entidades oficiais e muitas casas de comércio ofereceram, já, prémios para o concurso.

Conferência sobre «Timor — pádrão do Império»

O sr. tenente-coronel Júlio Garcez de Lencastre realizou, na tarde de 6 de Agosto, a sua anunciada conferência sobre «Timor — pádrão do Império» que foi rádio-difundida pela Invisia-Rádio.

Começou que o «Dia de Timor» foi fixado para 6 de Agosto por em igual dia do ano de 1661 se ter firmado o tratado de paz com a Holanda. Fêz, depois, um ligeiro resumo da história hoje constituído por metade da ilha de Timor. Portugal era, em 1511, quando Afonso de Albuquerque conquistou Malaca, o dominador dos mares e terras dos molucas e do Oriente.

Continuando, afirmou que as chamadas ilhas solares, compreendendo as ilhas das Flores, Solor, Novo ou Grande (Oende ou Mangere), nomes por que era conhecida, ilha de Solor Velho ou Pequeno, ilha de Adonare, ilha de Alor Grande e de Alor Pequeno, Weter, Kisser e outras de menos importância.

Em tódás elas há vestígios do nosso domínio. Nenhuma deixa de ter uma recordação portuguesa, velhas bandeiras e

trofeus, que são preciosamente guardadas pelos indígenas, como reliquias. Em Batavia, ainda existe uma velha peça portuguesa, à qual as mulheres nativas prestam culto e vão pedir fecundidade.

A posse de Timor resulta-nos não da conquista pelas armas, mas da obra religiosa e política dos missionários. Ainda hoje, os indígenas dizem que foram feitos vassallos do rei de Portugal pela água benta e pelo sal. Naquele tempo, ser cristão era ser português.

Mais adiante: — Timor, ora anexado à Índia, ora a Macau, ora governado independente, viveu vida difícil. Anexações, desanexações, descentralizações e subvenções da metrópole foram palatativos que nunca lhe deram vida. Só absoluta economia, tacto administrativo, coadjuvando-se a exploração agrícola por um sistema de culturas adaptadas às condições em que se encontra o povo de Timor, farão a riqueza da colónia e criarão o bem-estar do seu povo.

Depois de afirmar que na história de Timor há nomes de governadores que merecem citação especial, recordou, dos do passado os nomes de Cunha Guzmão, José Maria Marques, Lopes de Lima, Afonso de Castro, Lacerda Maia, e, dos contemporâneos Celestino da Silva e Filomeno da Câmara.

Esaltou a obra de alguns governadores e citou, também, o régulo D. Aleixo Côrte Real, que se tem mantido sempre fiel ao Governo português. Descreveu as condições de vida da colónia e os melhoramentos ali introduzidos, após o que afirmou que o verdadeiro colono de Timor é o indígena. O grande colonizador deve ser o Estado. Não obstante Timor possuir — acrescentou — pequenas regiões onde o europeu pode fixar-se, criando núcleos de população em exploração agrícola, a sua situação geográfica e a falta de navegação dificultam a canalização de capitais e a emigração. Difícilmente, por isso, evoluciona no sentido de tomar as características de colónia mista.

A origem do povo timorense explica-se pela emigração sucessiva dos povos Bataks do norte de Sumatra e Alfuros dos Celebes, ambos já mestiçados pelas emigrações sucessivas de ilha em ilha, até Timor. Hoje, a população timorense está profundamente mestiçada de sangue malanésio e indonésio, com mistura de sangue papua em vários graus. Acentua-se este último, principalmente, no extremo leste da ilha. Há, também, alguma mestiçagem de europeus e índios e muita de chinas e africanos.

O sr. tenente-coronel Garcez de Lencastre disse, depois, que a colonização militar teve, na colónia, uma elevada função. São numerosos os indígenas que falam e escrevem o português; há chefes de postos civis indígenas, que desempenham cabalmente a sua missão. O ensino é ministrado pelas Missões Religiosas, compostas de dezasseis missionários e membros auxiliares. Além dêstes há dezasseis professores pertencentes aos municípios. O ensino compreende a instrução primária e a profissional. Por outro lado, a assistência médica aos indígenas é muito completa.

Não foi esquecido em Timor o grande princípio de que um povo trabalhador bem contente, é a melhor garantia para a grandeza de um país.

Aludiu, largamente, à produção de Timor e concluiu por afirmar que Portugal tem tódás as populações do seu Império colonial no mesmo lugar do coração.

Homenagem à tropa do Ultramar

O sr. D. Juan José Rocha, instrutor Ministro da Marinha e interino dos Negócios Estrangeiros de Espanha, por ocasião da sua visita à Exposição, e após o desfile em continência da tropa negra, condecou, em nome do Governo Espanhol e em homenagem ao Exército português do Ultramar, com a Ordem de Mérito Naval, o sr. capitão Silva Carvalho, comandante da 5.ª Companhia Indígena de Moçambique (Landins).

Homenagem ao Director da Exposição

Diante do sr. Ministro das Colónias e de autoridades e individualidades representativas desta cidade, o sr. D. Juan José Rocha, Ministro da Marinha e interino dos Negócios Estrangeiros de Espanha, condecou durante a sua passagem no Pôrto, com o grande ofício da Ordem da República de Espanha o sr. capitão Henrique Galvão, Director-técnico da Exposição, a quem apresentou as suas homenagens e felicitações pelo esforço despendido para a realização do Certame.

O Pôrto Grande de Cabo Verde, conferência

O distinto engenheiro sr. João Gomes da Fonseca realizou em 11 do corrente, no teatro da Exposição, uma conferência, ver-

sando com esclarecida competência, o tema «O Pôrto Grande de Cabo Verde».

O conferente depois de testemunhar a sua homenagem ao sr. Manuel Machado Saldanha — mocidade exuberante, inteligência clara e espírito activo que tem sabido dar à representação de Cabo Verde um relevo e um colorido a todos os títulos digno de louvor — alargou-se em considerações sobre o problema dos combustíveis e a falta de água, apresentando, por fim, várias soluções destinadas a contribuir para a justa valorização do Pôrto Grande de Cabo Verde, desenvolvendo e engrandecendo a economia dessa Província.

A Grande Excursão Nacional visitando a Exposição.

Depois do notável êxito da Parada Regional de Entre-Douro-e-Minho, a que se seguiu essa grandiosa manifestação das Colectividades de Educação e Recreio do Norte e de Lisboa, a Direcção da Exposição Colonial, por intermédio da C. P., pôs em prática a sua iniciativa de trazer ao Pôrto, em visita ao Certame, gente dos mais distantes pontos do País.

Essa grande excursão, a primeira que no género se effectua em Portugal, teve lugar em 12 do corrente e conduziu à Exposição milhares de pessoas, que animaram extraordinariamente, tanto de dia como à noite, o recinto, retirando com a mais grata impressão por tudo o que viram no Palácio das Colónias, interior e exteriormente, afirmando o nosso esforço de colonização, as possibilidades da produção e as realizações ultramarinas e metropolitanas.

A representação de Macau

Retiraram em 13 do corrente para Marsella, de onde seguirão para Macau os nativos que constituirão a representação étnica de Macau — José Maria de Noronha, chefe; Chang-Hong, Lau-Lau, Ho-Heng, Chan-Cheong, Loi-Fu, Lon-Sap e Joel José Chol.

Na véspera da partida, foram apresentar as suas despedidas à Direcção da Exposição, acompanhados pelo sr. Moura Coutinho, tendo recebido palavras do elogio do sr. Eduardo Lopes, secretário-geral e na ocasião exercendo o lugar de Director interino, que, também, entregou a cada um dos nativos meda-

lhas de prata dourada como recordação da I Exposição Colonial Portuguesa.

A Faculdade de Engenharia do Pôrto na Exposição

No stand da Universidade do Pôrto, e em secção própria, expõe a Faculdade de Engenharia alguma documentação da obra colonial dos engenheiros diplomados pela mesma Faculdade, ou pelas escolas suas antecessoras.

Entre essa documentação, encontra-se a que se refere a importantes trabalhos topográficos, na ilha de S. Tomé, feitos pelo sr. eng. Ezequiel de Campos; fotografias da carvoeira de Lourenço Marques, da doca, de várias pontes projectadas e construídas, em Moçambique, pelo sr. eng. Abel de Noronha e Andrade; planta da rede de estradas da Companhia de Moçambique, com fotografias reproduzindo vários aspectos da construção, pontes, casis acostivél, diversas obras do caminho de ferro transambeziano, obras estas projectadas ou executadas pelo sr. eng. Alvaro Neves de Fontoura; plantas de importantes aproveitamentos hidro-eléctricos dos rios Quanza e Luçala, do sr. eng. Luís Azevedo Sá Fernandes, etc.

Deve, ainda, ser exposta, em breve, uma importante documentação do projecto do novo pôrto do Zaire, em Pôrto Rico, de vários trabalhos de engenharia no caminho de ferro de Benguela, assim como fotografias de construções em Goa, na Guiné e em Macau.

As festas luso-galaicas em Vigo

A homenagem que a 12 do corrente foi prestada em Vigo ao nosso País, inaugurando-se o busto de Luís de Camões, constituiu uma eloquente afirmação da amizade sã e nobre que uma Portugal e Espanha.

A essas festas, assistiram, entre outras individualidades, os srs. Estadella, ministro do Trabalho de Espanha; Melo Barreto, embaixador de Portugal em Madrid; Campos Varela, alcaide de Vigo; Diego Gomez, governador de Pontevedra; general Schiappa de Azevedo; capitão Henrique Galvão e Mimoso Moreira, respectivamente, Director-técnico e Director-adjunto da Exposição; Ricardo Spratley e António de Oliveira Calém, Sousa Caldas, Manuel Carvalho, Henrique Mouton Osório.

Foi dado o nome de Portugal a uma das importantes praças de Vigo, — local onde foi inaugurado o busto de Camões, — houve um destile da tropa negra, Marinheiros da Armada portuguesa e forças do Exército espanhol, effectou-se um banquete de gala e no Estádio de Balaios os landins e a banda de Angola foram muito aclamados nas suas demonstrações de ginástica, lítica de guerra e números de música.

Após a revista às forças o sr. capitão Henrique Galvão pronunciou um discurso, de que extraimos as seguintes palavras:

— A Exposição Colonial Portuguesa tem a honra de oferecer à cidade de Vigo o busto de Luís de Camões. Fã-lo com muito orgulho e muita alegria, em memória de acontecimentos recentes e antigos. Luís de Camões — continuou — mais do que um grande épico e cantor das nossas grandezas, é um símbolo da nossa raça. A Exposição Colonial, com este acto, pretende fazer reviver os mais belos ideais de comunhão dos povos. Alegria-nos ver como o país antigo acolhe o cantor das nossas grandezas.

«Disse que a nossa alegria tinha razões recentes. Estão patenteadas nas visitas que a população de Vigo nos fez, há pouco, estreitando relações espirituais, precursoras duma necessária aproximação no campo económico. Tivemos, durante muito tempo, o nosso destino espiritual ligado à França, mas devemos voltar-nos mais para a Espanha. É o que se está verificando com o esforço de todos para a grandeza das duas pátrias.

O orador concluiu: — Entrego à cidade de Vigo o busto de Camões, com todo o desvanecimento.

Usou, em seguida, da palavra, o «alcaide» de Vigo, sr. Campos Varela. Disse que, ao visitar o «Vouga», o sr. presidente da República espanhola testemunhou sincera emoção, ante a sincera união espiritual entre Portugal e a Espanha.

Agora — prosseguiu o orador — o povo acorre, aqui, a confirmar, num abraço fraternal, a consenância desse pensamento. Camões, a quem aqui glorificamos, é também nosso, pois a sua família é oriunda de Finisterra. Por isso, irmãos, sempre e por tudo.

O orador terminou: — Camões, o inegalável épico, fica

bem em Vigo, onde recordará, perpétuamente a vossa grandeza e a vossa vitalidade, que não conhecíamos, inteiramente, antes da visita à Exposição Colonial. Ante este busto, respiraremos o ar da vossa Pátria.

O sr. Embaixador de Portugal em Madrid saudou o Governo na pessoa do ministro do Trabalho e do Alcaide de Vigo, cidade cujas belezas maravilhosas exaltou em frases de belo efeito que arrancaram calorosos aplausos.

Falou do amor que dedica a Espanha onde vive há anos, mantendo com os seus filhos os mais íntimos laços de amizade e de convívio espiritual, sabendo qual o aprêço que a Espanha cultiva tributa aos valores portugueses, entre os quais citou o poeta Eugénio de Castro, cujo filho, actual cónsul em La Guardia, estava presente, o qual vai ser homenageado brevemente pela Universidade de Salamanca onde pontifica o grande mestre Unamuno. Podia falar em espanhol — disse — mas preferia fazê-lo em português, levando assim àquela festa a língua em que foi escrita a epopeia de Camões, o teatro de Gil Vicente, o lirismo de Bernardim e o amor do cancionero do Vaticano.

Salientou o significado do discurso do Alcaide, revelador da sua cultura e inteligência e recordou como a maior manifestação dirigida a Portugal em toda a Espanha, a recepção que ontem, Vigo fez às tropas do Império Colonial Português.

Concluiu, entre calorosas palmas, num repto de eloquência exaltando a imortalidade de Portugal e da Espanha, aos quais a Civilização deve um grande impulso, rematando por congratular-se por ver o busto de Camões numa terra em cujo brasão estão inscritas as palavras Fidelidade, Lealdade e Valor.

O ministro do Trabalho, sr. Estadella, começou por lembrar a inauguração recente, feita pelo Presidente Alcalá Zamora, dum busto do insigne poeta galego Curros Enriquez. Hoje é o poeta português o consagrado, e por isso a Galiza vive nestes dias a plenitude da sua vida civil.

Camões não era galego, mas nas suas veias havia sangue galego. Referiu-se ao autor dos «Lusiadas», cuja obra revelou, ao princípio, influência de Petrarca, mas que, depois, conseguiu tornar-se independente dessa influência e outras de origem greco-romana, adquirindo tal perso-

Calçado ATLAS

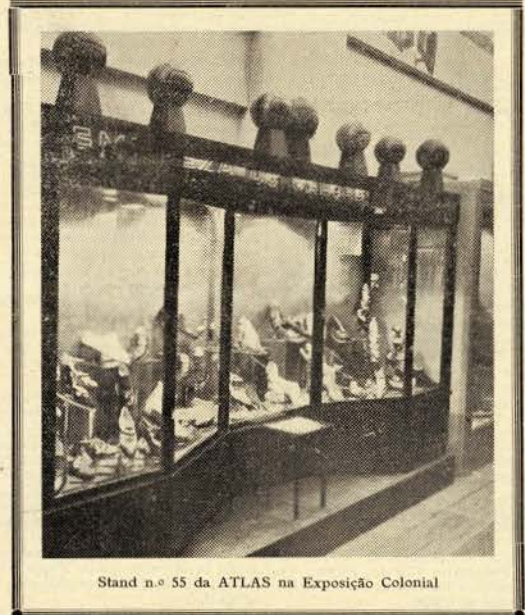
Cada par faz um amigo

A Empresa do Calçado ATLAS, L.^{da}, firma que todo o País conhece e admira, mercê do seu curioso lema: «cada par faz um amigo», ocupa um lugar de destaque entre os principais produtores de calçado — de bom calçado para todos os preços.

Modelos elegantes — qualidade excelente e acabamento perfeito são as três características do seu calçado exposto nos seus 26 depósitos do Continente e das Ilhas Real, Viana do Castelo, Braga, Malozinhos, Pôrto Espinho, Aveiro, Viseu, Covilhã, Leiria, Santarém, Lisboa, Madeira e Açores), nas Colónias, onde tem largo consumo os seus artigos entregues ao seu agente ATLAS Colonial, L.^{da}, (escritórios em Lourenço Marques e Luanda) e, presentemente, no seu simples mas atraente stand na nave dos Expositores da Metrópole da Exposição Colonial Portuguesa para onde seleccionou diversos modelos do mais requintado bom gosto, para praia, passeio e soirée, e onde as nossas Elegantes encontrarão o calçado que lhes agrada sem reservas. Mas o calçado ATLAS não é só para os ricos. Ali, todos encontrarão o que pretendem e nos seus Depósitos todos poderão ainda confirmar o lema da ATLAS, porque quem pela primeira vez compra «um par», torna-se, para sempre, «um amigo» da ATLAS.

Nesse stand da Exposição, que tem sido muito visitado, figuram ainda: o modelo de botas de caça de que ultimamente fabricaram grande quantidade destinada ao Exército Indígena de Moçambique, e outros artigos da sua especialidade e largamente vendáveis, como: polainitos, perneiras, creme ATLAS e os couros para bolas de todos os desportos, da sua acreditada marca «Regal».

Mas não se julgue que só dos com-



Stand n.º 55 da ATLAS na Exposição Colonial

pradores a ATLAS tem recebido recompensas: os jurís dos certames a que tem concorrido, concederam-lhe, muito justamente: Diploma de Honra e Medalha de Ouro na Exposição das Caldas da Rainha de 1927; Diploma de Honra na Exposição Ibero-Americana, de Sevilha em 1929; Diploma Comemorativo na Feira de Amostras Coloniais em 1932; Medalha de Ouro na Feira de Amostras de Coimbra, de 1932 e Grande Prémio de Honra na I Exposição Industrial Portuguesa, 1932-1933.

A ATLAS, com o calçado do seu exclusivo fabrico, para o que possui a mais importante Fábrica de Portugal, consegue uma produção diária de mil e quinhentos pares. Nesse vasto edificio situado nas ruas Heróis de Chaves e Anselmo Braamcamp, ocupando uma área de 3.500 m², trabalham cerca de 500 individuos de ambos os sexos que confeccionam as marcas exclusivas da ATLAS e o calçado que em grande escala é enviado para as Colónias. Em instalações anexas fabricam ainda as fôrmas e saltos de madeira, o que mais garante a solidez do calçado e engrandece o lema da importante Casa, cujo escritório, funcionando no mesmo edificio, é equipado com o P. B. X. (2757 e 2768) e usa o endereço telegraphico: ATLAS.

Admirar a nossa Exposição Colonial é um dever de todos os portugueses mas nesse certame impõe-se também uma visita ao stand da Empresa de Calçado ATLAS, L.^{da}, honra da industria nacional pela sua perfeita organização e excelência dos artigos do seu fabrico, bem patentada no lema: «cada par faz um amigo», que é, sem dúvida, o seu melhor cartaz de propaganda.



ACOMPANHANDO OS PROGRESSOS DO IMPÉRIO



Caminho de Ferro de Benguela.
Viaduto de Lanque

COMUNICAÇÕES E TRANSPORTES

Em consequência da sua doutrina rígida de dar sempre a máxima satisfação a todos quantos demandam os seus serviços, orgulha-se a Vacuum de poder declarar que se não há estrada da Africa Ocidental Portuguesa onde o automobilista não encontre os seus produtos, por outro lado todas as companhias ferroviárias dessa parte do Império são suas clientes.

As grandes companhias de cabos submarinos e as estações radiotelegráficas estabelecidas nestes domínios de Além-Mar são igualmente consumidoras de produtos Vacuum.

ONDE HA PROGRESSO HA PRODUTOS VACUUM

1344

VACUUM OIL COMPANY, INC.



Júris de recompensas

Foram já iniciados os trabalhos de júris de classes para a classificação dos mostruários e composições oficiais e particulares.

Conforme consta do regulamento da Exposição dos expositores não tem qualquer intervenção no funcionamento dos júris, limitando-se a fornecer os esclarecimentos que lhes forem solicitados, tendentes a facilitar o exercício dos jurados e a conhecer, em detalhe, do valor e significado das representações.

Intervem na classificação, nos júris de classe, técnicos escolhidos pela Direcção da Exposição, tendo sido assim compostos, em referência às várias classes em que se distribui:

Classes 1 e 2—Secção Retrospectiva—Presidente: Capitão Henrique Galvão; Vogais: Comandante Oscar de Carvalho e Mimoso Moreira; reinirá no dia 18 do corrente.

Classe 3—Orgânica Colonial—Presidente: Capitão Henrique Galvão; Vogais: Capitão Alvaro dos Santos e Mimoso Moreira; reinirá no dia 18.

Classe 4—Colonização—Presidente: Capitão Henrique Galvão; Vogais: Capitão Alvaro dos Santos e Mimoso Moreira; reinirá no dia 18.

Classe 5—Política Indígena—Presidente: Dr. Almeida de Eça; Vogais: Dr. António Barradas e Mimoso Moreira; reinirá no dia 8.

Classes 6 e 7—Ensino—Presidente: Dr. António Barradas; Vogais: Dr. Almeida de Eça e Mimoso Moreira; reinirá no dia 9.

Classe 8—Medicina e Higiene—Presidente: Dr. José Maria Flores Loureiro; Vogais: Dr. António Barradas e Mimoso Moreira; reinirá no dia 10.

Classe 9—Missões—Presidente: Dr. Pinheiro Tórres; Vogais: Machado Saldanha e Mimoso Moreira; reinirá no dia 8.

Classe 10—Assistência Científica—Presidente: Comandante Oscar de Carvalho; Vogais: Capitão Henrique Galvão e Mimoso Moreira; reinirá no dia 18.

Classe 11—Urbanização—Presidente: Dr. António Barradas; Vogais: Dr. Almeida de Eça e Mimoso Moreira; reinirá no dia 9.

Classe 12—Instituições de Crédito—Presidente: Machado Saldanha; Vogais: Carlos Galvão e Mimoso Moreira; reinirá no dia 7.

Classe 13—Navegação—Presidente: Comandante Oscar de Carvalho; Vogais: Capitão Henrique Galvão e Mimoso Moreira; reinirá no dia 18.

Classe 14—Portos—Presidente: Comandante Oscar de Carvalho; Vogais: Capitão Henrique Galvão e Mimoso Moreira; reinirá no dia 18.

Classe 15—Caminhos de Ferro—Presidente: Engenheiro Estêvão Tórres; Vogais: Engenheiro Flávio Pais e Mimoso Moreira; reinirá no dia 20.

Classes 16 e 17—Automobilismo e Comunicações—Presidente: Carlos Galvão; Vogais: Machado Saldanha e Mimoso Moreira; reinirá no dia 7.

Classes 18, 19 e 20—Agricultura e Flo-

restas—Presidente: Dr. Oliveira Fragateiro; Vogais: Dr. Almeida de Eça e Mimoso Moreira; reinirá no dia 22.

Classes 21 e 22—Pecuária—Presidente: Dr. Almeida de Eça; Vogais: Eng. Flávio Pais e Mimoso Moreira; reinirá no dia 25.

Classes 23 e 24—Minérios—Presidente: Dr. Estêvão Tórres; Vogais: Engenheiro Flávio Pais e Mimoso Moreira; reinirá no dia 27.

Classe 25—Comércio—Presidente: Carlos Galvão; Vogais: Machado Saldanha e Mimoso Moreira; reinirá no dia 7.

Classes 26 a 40—Indústrias—Presidente: Engenheiro Flávio Pais; Vogais: Engenheiro Estêvão Tórres e Mimoso Moreira; reinirá no dia 27.

Classe 41—Arte Indígena—Presidente: Capitão Alvaro dos Santos; Vogais: Cap. Henrique Galvão e Mimoso Moreira; reinirá no dia 18.

Classe 42—Literatura—Presidente: Dr. Pinheiro Tórres; Vogais: Machado Saldanha e Mimoso Moreira; reinirá no dia 8.

Classe 43—Imprensa—Presidente: Machado Saldanha; Vogais: Dr. Pinheiro Tórres e Mimoso Moreira; reinirá no dia 8.

Classes 44 e 45—Propaganda, Turismo, e Desportos—Presidente: Mimoso Moreira; Vogais: Dr. Pinheiro Tórres e Mimoso Moreira; reinirá no dia 8.

Classe 46—Usos e Costumes—Presidente: Dr. Almeida de Eça; Vogais: Dr. António Barradas e Mimoso Moreira; reinirá no dia 9.

Classe 47—Ciências e Artes Plásticas—Presidente: Capitão Henrique Galvão; Vogais: Dr. Vasco Valente, Dr. Aarão de Lacerda, Alberto Aires de Gouveia e Manuel Marques; reinirá no dia 30.

nalidade que, depois de Camões, nunca mais apareceu em todo o Mundo outro poeta igual.

Disse que a obra de Camões revela, além do seu valor poético, eminentes qualidades dum sábio, pois nela tiveram que aprender os próprios homens de ciência. Enumerou as principais obras de Camões, desde os sonetos ao teatro e aos Lusíadas, obra que, se não fosse catalão, diria só poder comparar-se ao poema *La Atlantida*, de Jacinto Verdaguer.

Terminados os discursos, o sr. Estadella descerrou o monumento. O acto produziu no público profunda emoção, logo seguida de grande e sincero entusiasmo, exteriorizado em manifestações vibrantes a Portugal, ao mesmo tempo que a Banda de Angola executava a Portuguesa, executando também a Banda Municipal de Vigo o himno de Riego. E as aclamações a Portugal e Espanha estrangeiras, vibrantes e entusiásticas, por largo tempo.

Momentos antes tinham passado, sob o céu azul, alguns aviões militares espanhóis, que quiseram assim associar-se à brilhante festa que se celebrava.

Colaboradores da Exposição



Em cima: Da direita para a esquerda: Joaquim Barbosa (mestre pedreiro) e Raul Vaz (mestre marceneiro). Em baixo: António Lopes (mestre electricista) e Mário Moreira dos Santos (autor dos manequins).

Entre os ignorados cooperadores da Exposição, do público desconhecido, há lábeis e dedicados artífices a quem é justo destacar. O ULTRAMAR julga oportuno faz-lo, registando a sua esforçada colaboração que foi, sem dúvida, uma parcela a acrescentar a muitas que contribuíram para o bom êxito da Exposição.

Classe 48—Produtos alimentares—Presidente: Dr. Oliveira Fragateiro; Vogais: Dr. Almeida de Eça e Mimoso Moreira; reinirá depois do dia 25.

Classe 49—Vestutário—Presidente: Engenheiro Estêvão Tórres; Vogais: Engenheiro Flávio Tórres e Mimoso Moreira; reinirá depois do dia 25.

Classe 50—Indústrias Diversas—Presidente: Dr. Oliveira Fragateiro; Vogais: Engenheiro Estêvão Tórres, Engenheiro Flávio Pais, Dr. Almeida de Eça e Mimoso Moreira; reinirá depois do dia 20.

As propostas dos júris de classe, lançadas nas fixas privativas de cada expositor, são depois submetidas à apreciação dos júris de grupos, constituídos com os presidentes dos júris de classes. O apuramento é finalmente homologado por um júri superior, composto pelas entidades constantes do regulamento da Exposição.

Está projectado conferir, além das recompensas habituais aos produtos e objectos expostos, prémios aos expositores que construíram pavilhões e stands dignos de apreço, pela sua originalidade ou magnificência, concedendo-se menções honrosas aos artistas que na sua composição intervieram.

Esta distinção será extensiva aos vários cooperadores da Exposição.

ULTRAMAR tem como Representante em Lisboa, o sr. João Santos, na Avenida Elias Garcia, 77-1.º.